

Eneida Maria de Souza  
Dylia Lysardo-Dias  
Gustavo Moura Bragança  
(ORGS.)

# Sobrevivência e devir da leitura

**autêntica**

Copyright © 2014 Os organizadores

Copyright © 2014 Autêntica Editora

Todos os direitos reservados pela Autêntica Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Esta publicação foi realizada com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES – Brasil.

EDITORA RESPONSÁVEL

*Rejane Dias*

EDITORA ASSISTENTE

*Cecília Martins*

REVISÃO

*Lúcia Assumpção*

CAPA

*Diogo Droschi (sobre imagem de flickr/Jim Choy)*

DIAGRAMAÇÃO

*Christiane Morais de Oliveira*

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sobrevivência e dever da leitura / Eneida Maria de Souza, Dylia Lysardo-Dias, Gustavo Moura Bragança (orgs.) . -- Belo Horizonte : Autêntica Editora, 2014.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-85-8217-491-3

1. Leitura 2. Leitura - Teoria e prática I. Souza, Eneida Maria de. II. Lysardo-Dias, Dylia. III. Bragança, Gustavo Moura.

14-09671

CDD-418.4

Índices para catálogo sistemático:

1. Leitura : Prática : Linguística 418.4

2. Leitura : Teoria : Linguística 418.4

**GRUPO AUTÊNTICA** 

**Belo Horizonte**

Rua Aimorés, 981, 8º andar . Funcionários

30140-071 . Belo Horizonte . MG

Tel.: (55 31) 3214-5700

Teleendas: 0800 283 13 22

[www.grupoautentica.com.br](http://www.grupoautentica.com.br)

**São Paulo**

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional,

Horsa I . 23º andar, Conj. 2301 . Cerqueira César .

01311-940 . São Paulo . SP

Tel.: (55 11) 3034-4468

# Sumário

Apresentação .....	7
<i>Os organizadores</i>	
<b>Parte I – Arte e cultura: gestos sobreviventes</b>	
Ritmos negros em Vinicius de Moraes .....	11
<i>Roniere Menezes</i>	
Mais além da grande saudade, mais aquém da constatação da catástrofe .....	24
<i>Susana Scramim</i>	
A letra morta como garantia de sobrevivência .....	34
<i>Georg Otte</i>	
A fábula da pipoca e do celular: pensando a educação estética no novo século.....	43
<i>Anderson Bastos Martins</i>	
O porvir da escrita-leitura em <i>Fragmentos de um discurso amoroso</i> .....	51
<i>Rafael Lovisi Prado</i>	
A morte da vida pela vida da imagem .....	59
<i>Melissa Gonçalves Boëchat</i>	
<b>Parte II – Leitura e devir ficcional</b>	
Autocorpografia trans e leitura: intersecções .....	67
<i>Adelaine LaGuardia</i>	
As mulheres, a literatura e o mal.....	76
<i>Roberto Antonio Penedo do Amaral</i>	
Lysia Corrêa de Araújo: escrita, leitura, sobrevivência.....	84
<i>Eliana da Conceição Tolentino</i>	
Gonçalo M. Tavares e a escrita da leitura .....	98
<i>Maria Elisa Rodrigues Moreira</i>	

### Parte III – Arquivo e sobrevida do documento

Ficções impuras .....	111
<i>Eneida Maria de Souza</i>	
A noção de “sobrevivência” e o refinamento das tarefas críticas ..	119
<i>Marília Rothier Cardoso</i>	
Escrever para a morte ou a sobrevivência da memória em Pedro Nava .....	136
<i>Gustavo Moura Bragança</i>	
Escutar com os olhos .....	149
<i>Cleber Araújo Cabral</i>	
Sobrevivência e edição: uma biografia da peça <i>Tim tim por tim tim</i> , de Sousa Bastos .....	162
<i>Alberto Tibaji (Alberto Ferreira da Rocha Junior)</i>	

### Parte IV – Ficcionalizar o texto da vida

Desarticulados para memória e corpo: a sobrevivência dos afetos nas lembranças de Sylvia Molloy .....	181
<i>Cibele Aparecida de Moraes; Sonia Moraes Haddad</i>	
Retextualização em contexto biográfico .....	194
<i>Dylia Lysardo-Dias</i>	
Jornalismo como entre-lugar: narrativas entre ficção e documento .....	203
<i>Fabício Marques de Oliveira</i>	

### Parte V – Textualização e pactos de leitura

Leitura: sobrevivência e recursividade .....	219
<i>Ivete Walty</i>	
Gesto de leitura – colocar-se à escuta em um canto do muro .....	226
<i>Antônio Luiz Assunção</i>	
O jogo de imagens leitor-leitura-livro: o caso <i>Harry Potter</i> .....	241
<i>Bárbara Malveira Orfanô</i>	
Releitura e atualização da história afro-brasileira e africana no Brasil em quadrinhos: retextualização, sobrevivência e manutenção cultural.....	249
<i>Cláudio Márcio do Carmo</i>	

Sobre os autores .....	278
------------------------	-----

# Escutar com os olhos

Cleber Araújo Cabral

Ao João Nilson, leitor de unhas.

## 1ª cena: ouvir o arquivo

*[...] sobretudo, tentei evidenciar o fato de que todo livro nasce na presença de outros livros, em relação e em confronto com outros livros.*

(CALVINO, 2003, p. 266)

Quando se pensa em pesquisas com fontes documentais, indaga-se, sobretudo, acerca das táticas de abordagens do *corpus* adotadas pelos pesquisadores. De imediato, uma questão se impõe: “como trabalhar os indícios ou traços que chegaram desde o passado [...], como torná-los legíveis, de maneira a fazê-los falar” (PESAVENTO, 2008, p. 63 e 67)? Na busca por modos de leitura dos arquivos literários, depara-se com os seguintes versos de Quevedo: “Vivo en conversación con los difuntos, / Y escucho con mis ojos a los muertos” (QUEVEDO *apud* ROCHA, 2011, p. 17). Nestas poucas linhas, perscruta-se a sugestão da leitura como forma de escuta. Assim, o pesquisador, ao ler e manusear registros presentes em arquivos, encontra-se investido não só na condição de ouvinte e intérprete que se põe a “ouvir” histórias alheias, mas também como narrador que ficcionaliza corpos, vozes e narrativas acerca dos habitantes que povoam os arquivos.

Tomando como *corpus* as representações da leitura presentes nas narrativas “O documento” (RUBIÃO, [s.d.]) e “O mistério” (RUBIÃO, [s.d.]), de Murilo Rubião, bem como em um retrato desse escritor feito por Aurélia Rubião, pretende-se *pensar o gesto do pesquisador de ler o arquivo para escrever a partir dele, sobre ele e contra ele*. Nesse percurso do ler ao escrever, concebe-se o arquivo de um escritor não apenas como palimpsesto de tempos, valores e vozes culturais a decifrar, mas, sobretudo, como local propício à elaboração de ficções, quer de ordem teórica ou não. De espaço de preservação, ordem discursiva composta por traços da memória literária, o arquivo literário desdobra-se em lugar de questionamento e an-arquia das imagens de pensamento instituídas a propósito da literatura.

As proposições acima servem de corolário para o texto que se segue: uma encenação crítico-ficcional das relações entre escrever e ler. O mote da abordagem advém do seguinte comentário: “Como todo scriptor é leitor antes de pegar da pena, todo leitor que procura compreender e interpretar um processo escrito enfia-se, sem perceber, na roupa do scriptor a fim de melhor reconstruir os caminhos e a direção da escrita” (GRÉSILLON, 2011, p. 8). A partir desta sugestão, compôs-se este “quase roteiro”, no qual a leitura (ou sua incapacidade) é tema que se desdobra, simultaneamente, em narrador e personagem – a figura do pesquisador, que se apresenta como *lector* a sondar as estratégias de escrita de um *scriptor*. Para tanto, o pesquisador se apropria de vários discursos do e sobre o escritor e o arquivo,<sup>1</sup> deslocando-os e os expandindo mediante a elaboração de *narrativas teóricas*. Assim, da tentativa de fixar a poética implícita de uma obra, delineiam-se traços de uma poética da leitura – que poderia ser vista, também, como poética dos rastros.

Antes de passar a este exercício de escuta, gostaria de fazer dois comentários. O primeiro concerne ao jogo de vozes que se poderá perceber ao confrontar a primeira com a segunda e a terceira cenas. Buscou-se criar um atrito entre a voz distanciada, própria ao discurso científico, em contraponto à proximidade do sujeito afetado pelo objeto de sua pesquisa. Já o outro comentário diz respeito ao tom descritivo da narrativa que se segue. Não se trata de “dar a ouver” o arquivo literário pesquisado em sua totalidade; pelo contrário, intenta-se mostrar não só a impossibilidade de um mapa definitivo, mas, sobretudo, de aludir aos inúmeros percursos de leitura – seja da teoria literária, da história da literatura, da obra de um escritor, de sua fortuna crítica, etc. O que se propõe, no experimento a seguir, consiste em sugerir mais de uma figuração do (i)legível que se insinua no (mal de) arquivo literário.

## **2ª cena: narrar a escuta**

*Aqui, uma voz, adentrando territórios  
de silêncio, tenta ser mais de uma*

(BRANDÃO, 2005, p. 3)

Atraído pelos rumores das páginas, aventurei-me em meio à ordem de um arquivo literário. Antes de iniciar minha jornada, lembro que, certa vez, elaborei um mapa do local. Consulto as anotações e encontro um esboço.

---

<sup>1</sup> Para uma relação dos discursos (a partir dos quais se constrói e) com que este texto estabelece diálogos, consultar a “Bibliografia”, ao fim deste texto.



Figura 1: Planta-baixa do Acervo de Escritores Mineiros / UFMG

Fonte: Elaboração do autor.

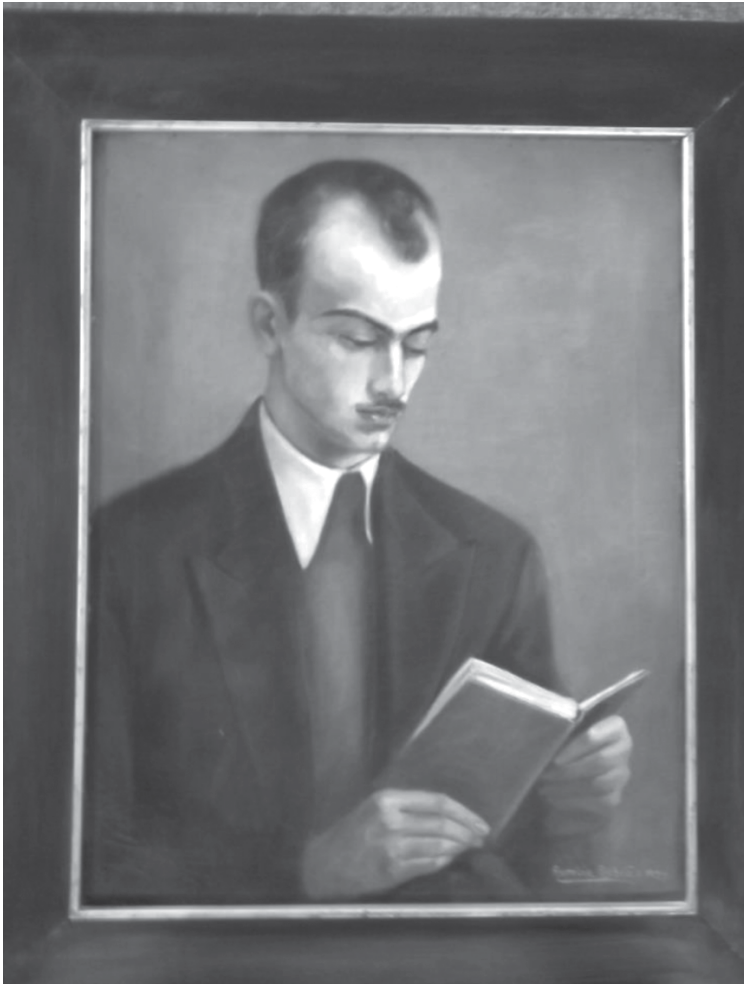
Mesmo que o desenho não coincida exatamente com a geografia atual do espaço, ao menos irá auxiliar em sua visualização. Por instantes, leio os traços na folha à minha frente, até que escolho uma entre as várias entradas do labirinto. Enquanto caminho, penso que a organização das salas por vizinhanças confere ao lugar o aspecto de uma pequena cidade de vidro habitada por espectros. Não demora até que chego à encenação de como poderia ter sido o laboratório daquele escritor por quem me interessa.



Fotografia 1: Sala Murilo Rubião

Fonte: AMR/AEM/CELUC/UFMG.

Examino à minha volta, em busca de algo na montagem que capture meu olhar, até que percebo, ao fundo da sala, um quadro parcialmente oculto pela porta aberta de um armário. Dirijo-me a ele e me coloco a observá-lo.



Fotografia 2: Retrato de Murilo Rubião, por Aurélia Rubião  
Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

Neste retrato, vê-se um homem com o olhar voltado para o livro em suas mãos. O terno escuro, a calvície acentuada, o bigode bem talhado, somados aos tons esfumados de fundo, contribuem para atribuir certo ar de solenidade à composição. Apesar de tantos elementos, os traços e a fisionomia indicam que, provavelmente, ainda se trata de um jovem. Sua expressão, aparentemente tranquila, pouco contrasta com a tensão insinuada



pelas sobrancelhas arqueadas. Os olhos semicerrados e a cabeça ligeiramente inclinada para baixo apontam para o foco do olhar: um livro, do qual não se nota título ou autor. A pose e a expressão do retratado me remetem a outra imagem, “Jovem moça lendo”, de Jean-Honoré Fragonard. No entanto, diferente desta tematização do ato de ler feita pelo pintor francês, a cena de leitura do retrato de Rubião parece dramatizar (ou profetizar) um instante decisivo – o contato do indivíduo com uma prática e um objeto a partir dos quais sua história será contada: a leitura, o (seu?) livro.

Continuo a ler a tela. Noto que, abaixo de uma das mãos, há uma assinatura e uma data: Aurélia Rubião, 1937. As informações fazem com que me lembre de alguns dados e do vínculo entre a retratista e o retratado. Por este período, ela, com seus 36 anos, tinha certo reconhecimento no meio artístico como pintora; ele, ainda estudante, tinha entre 20 e 21 anos, mas já tateava sua poética, publicando narrativas e poemas em jornais e revistas locais. Seria o quadro um gesto de estímulo para que o primo insistisse na leitura e prática de sua própria escrita? Por fim, penso que, caso não tivesse título, ele poderia ser “retrato do escritor quando jovem”.

Após tomar minhas notas, lembro-me de que ainda há mais locais para percorrer. Olho ao redor, a fim de prosseguir a busca, e sou atraído por um corredor, espécie de galeria em que arranjos de retratos e fotografias compõem uma narrativa visual sobre a vida do escritor retratado.



Fotografia 3: Montagem museográfica do Acervo Murilo Rubião  
Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

A breve caminhada me leva ao local que procurava: a biblioteca e o arquivo construídos pelo escritor ao longo de sua vida. Por um instante, observo o lugar. Livros, cerâmicas, garrafas, fotografias e estantes de madeira dividem espaço com arquivos e estantes de metal. Resisto a consultar o índice de documentos que tenho comigo e me lanço à procura de alguns fios para esta narrativa.



Fotografia 4: Reserva técnica do Acervo Murilo Rubião

Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

Percorro prateleiras, passando de uma estante a outra. Abro gavetas, repletas de pastas meticulosamente organizadas, das quais retiro e folheio inúmeros documentos, sem, contudo, encontrar nenhum traço que testemunhe possíveis segredos da escrita dele. Após percorrer quase todo o cômodo, olho para o único lugar que não investiguei ainda: um armário de metal. Ao abri-lo vejo, em seu interior, várias pastas, dispostas de maneira caótica, sem ordem aparente. Observo o conjunto, sem saber por onde começar, decido consultar todas, uma a uma. Recortes de jornal repetidos, agendas antigas, cadernetas, recibos, carteiras de trabalho, diplomas... Sei que um arquivo se compõe de restos, mas a certeza não afasta a impressão de buscar vestígios de sobreviventes (o escritor? A escrita? A “vida escrita”?) em meio a destroços. Neste momento, deparo-me com algo que provoca minha atenção. Trata-se de uma pasta cinza, de fecho elástico, marcada pela ação do tempo. Em sua capa, há um pedaço de papel fixado com fita adesiva, no qual se lê: “Anotações Antigas para Contos Improváveis 08”.



Fotografia 5: Pasta Anotações Antigas para Contos Improváveis 08  
Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

Enquanto olho para a pasta, imagino os conteúdos que estariam em seu interior, à espera de minha leitura. Por um instante, divago: e se as anotações que se encontram ali forem as necessárias para comprovar minhas hipóteses sobre o improvável dos contos do escritor? Movido pela possibilidade de desvendar esse e outros mistérios, abro a pasta.

Dentro da pasta, folhas de tamanhos variados, dispostas sem ordem aparente, exibem manuscritos e datiloscritos que se assemelham a rascunhos de narrativas. Alguns estão “limpos”, outros possuem rasuras. No conjunto, os textos (já seriam documentos?) apresentam datas que vão de 1937 a 1957; no entanto, também há outros, sem data. Estranho, penso. As outras pastas, as que se localizam nos arquivos, encontram-se organizadas cronologicamente. Já esta, escapa à regra – como o tempo fragmentado, oscilante e fora dos eixos que se manifesta nos contos do escritor.

Coloco-me a folhear o material ali mesmo, de pé. Em meio aos papéis encontro uma lista manuscrita, espécie de índice em que se podem ler 15 títulos de estórias – se esboçadas ou se improváveis, ainda não tenho ideia. Ao lado de cada inscrição, há o que parecem ser os argumentos de cada uma das narrativas. Dentre todas, uma chama minha atenção, a de número 8: “‘O documento’ (história de um homem que leva a vida toda decifrando um documento)”. Ao ler estas linhas, sinto-me tomado pela febre do arquivo, volto a folhear freneticamente as páginas da pasta em busca desta narrativa. Após algum tempo, localizo uma folha sem data, na qual leio:

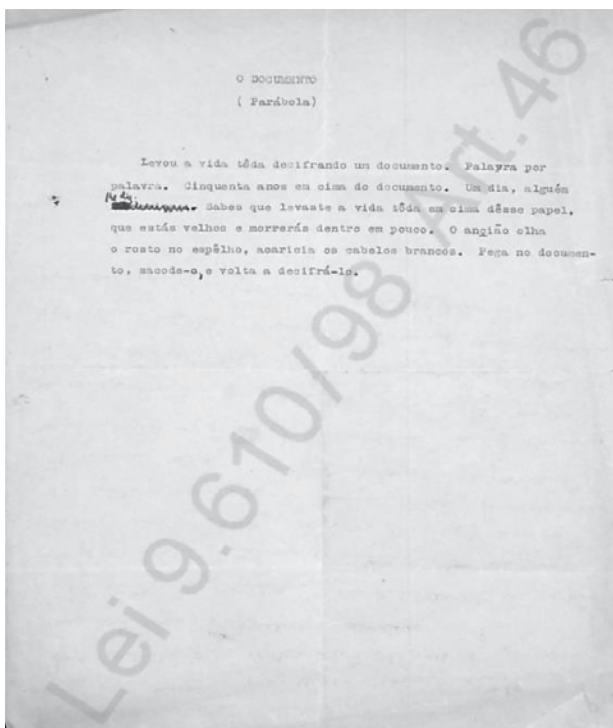


Figura 2: O documento (parábola)

Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

## O DOCUMENTO (Parábola)

*Levou a vida toda decifrando um documento. Palavra por palavra. Cinquenta anos em cima do documento. Um dia, alguém [xxxxxxxxxxxxx] lhe diz: — Sabes que levaste a vida toda em cima deste papel, que estás velho e morrerás dentro em pouco. O ancião olha o rosto no espelho, acaricia os cabelos brancos. Pega no documento, sacode-o[,] e volta a decifrá-lo.<sup>2</sup>*

Nesse texto curto, materializa-se o pesadelo de todo leitor e pesquisador (principalmente o de arquivos, literários ou não): o texto ilegível, que não se consegue fazer falar. Nele há um leitor visto de perto, mas aparentemente distanciado, que dedica sua vida à decifração. Contudo, apesar dos

<sup>2</sup> RUBIÃO, Murilo. O documento (parábola). [s.d.]. Acervo Murilo Rubião. Série Produção intelectual do titular. Pasta anotações Antigas para contos improváveis. Acervo de Escritores Mineiros – Centro de Estudos Literários e Culturais. Belo Horizonte, UFMG. Os trechos entre colchetes visam a transcrever as rasuras, tal como presentes no manuscrito. Quanto às marcações em itálico, estas são de minha autoria.

esforços, o teor do documento permanece indecifrável a seus (e nossos) olhos. Mesmo diante do fim próximo, ele persiste na tarefa de decifrar o silêncio da página – que não sabemos se escrita ou em branco. Quanto a mim, que estou com esta narrativa nas mãos, ocupo-me da relação entre o documento de escrita e a indicação “parábola”, colocada entre parênteses, abaixo do título. Lembro-me do que disse um crítico, que “a parábola traz em si a relação com uma outra estória – quando não com a história em sentido estrito” (ALCIDES, 2008, p. 83). No entanto, a que narrativa esse documento se vincularia? Será que o escritor estaria a questionar a decifração como modalidade de leitura? Ou, ao dramatizar a leitura no texto, estaria propondo uma teoria (ou alegoria) sobre sua própria escrita? Com receio de me esquecer de tantas questões, tomo nota de todas e prossigo.

Diante das possibilidades interpretativas que a decifração deste mistério poderia abrir, leio a página outra vez, palavra por palavra. Ao passo que o olho se acomoda, as poucas rasuras presentes na folha me interpelam o olhar, sacudindo-o. Incomodado pelos abalos, que inquietam a leitura, viro a página. Para meu espanto, vejo que no avesso (trama do bordado?) há outra estória, manuscrita, com o título sugestivo de “O mistério”.

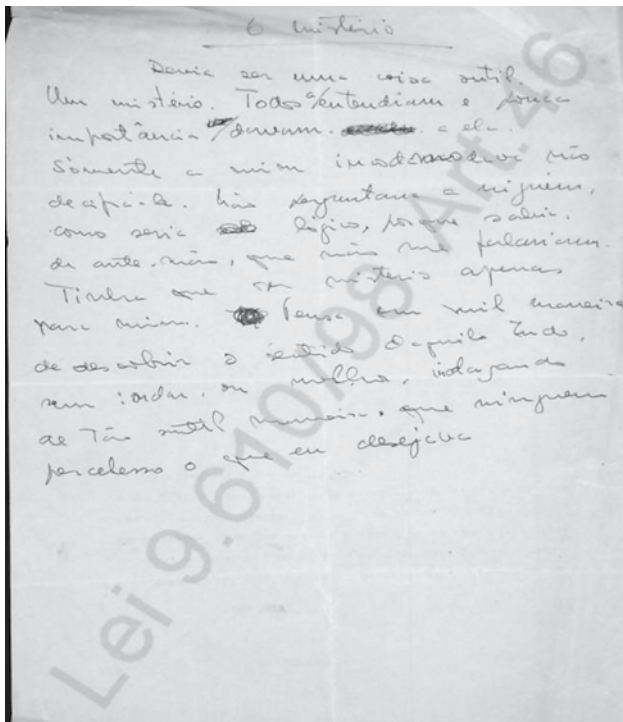


Figura 3: O mistério  
Fonte: AMR/AEM/CELC/UFMG.

## O mistério

Devia ser uma coisa sutil. *Um mistério. Todos a entendiam e pouca importância [xxx] davam. [xxxxxx]. a ela. Somente a mim incomodava não decifrá-la.* Não perguntaria a ninguém, como seria [ ] lógico, porque sabia, de ante-mão, que não me falariam. *Tinha que ser mistério apenas para mim. [xxx] Pens[a?] em mil maneiras de descobrir o sentido daquilo tudo,* sem [t?]ardar, ou melhor, indagando de tão sutil maneira que ninguém percebesse o que eu desejava.<sup>3</sup>

Mais uma vez, um narrador-personagem a quem é vedado o entendimento de um segredo. Ao contrário da aparente resignação do personagem de “O documento”, o narrador de “O mistério” se mostra incomodado por não decifrar o oculto – que, paradoxalmente, é acessível a “todos os outros” que, estranhamente, não davam importância a tal situação. À medida que leio, outros pontos da narrativa convocam minha atenção: o aspecto sutil do mistério; o ardil de indagar “os outros” sobre o sentido sem que percebessem; o narrador ser o único membro de uma comunidade que não é iniciado nos ritos que permitem conhecer a revelação de que consiste mistério; a constatação de que “tinha que ser mistério apenas para mim”.

Cada vez mais tocado pelo mal do arquivo, passo em revista os indícios que coletei até o momento, a fim de organizar minhas reflexões. Em comum, estes textos apresentam duas cenas de leitura que têm, por objeto, algo ilegível. O personagem de “O documento” dedica sua vida à tarefa de ler um texto que, por sua vez, resiste à tradução. Já o narrador de “O mistério” busca “mil maneiras de descobrir o sentido daquilo” que, por algum motivo que desconhece, escapa a seu entendimento. No primeiro, a leitura se repete sem se concluir, como se a inscrição no papel fosse portadora de significados abertos e ocultos (ao modo das parábolas bíblicas, tão caras ao escritor) ou, ainda, como se a trama, aparentemente fechada e calculada, apenas indicasse, paradoxalmente, a lógica de um mundo precário. No segundo, o mal-estar da personagem ocasionado pela impossibilidade de desvendar o mistério, de ler “uma coisa sutil” partilhada pelos outros.

Tomado de assalto pelos enigmas de meu próprio texto, sinto algo se aproximar – seria o ilegível a partir do qual se move a poética do escritor? Súbito, hipóteses se esboçam. Poderíamos dizer que as parábolas configuram

---

<sup>3</sup> Os trechos entre colchetes que possuem interrogação, tais como “Pens[a?]” e “[t?]ardar” visam a informar quanto a dúvidas sobre a caligrafia do trecho assinalado. Marcações em itálico são de minha autoria.

teorias sobre a leitura literária? Ou seriam estas narrativas rubianas figuras de sua escrita, um esforço de refletir acerca de sua linguagem por meio da própria ficção? Ao dramatizar as dificuldades de ler a memória cultural (o “documento”) ou o mundo (a “coisa sutil”), Rubião estaria refletindo acerca da capacidade de representação do texto ficcional, tal como fez em “Marina, a intangível”? E quanto ao protagonista de “O documento”, leitor “que morrerá em pouco”, de que maneira ele poderia se relacionar com a sobrevivência dos arquivos literários? Qual seria a atualidade, para os estudos literários, destes fantasmas do leitor que rondam os acervos dos escritores? Talvez...

### **3ª cena: destinerrâncias da leitura**

*É provável que, quanto mais avançarmos,  
menos teremos uma visão geral.*

(MANGUEL; GUADALUPI, 2003, p. VII)

Súbito, alguém interrompe o fluxo de pensamentos: “Senhor, infelizmente está na hora de fecharmos”. Peço um instante, a fim de guardar os papéis consultados e organizar os fragmentos que reuni para sair do texto. Enquanto caminho, reflito acerca da impossibilidade de solver os enigmas e espectros da criação que se insinuam nos arquivos literários. Mas outra dúvida penetra meus pensamentos: como apresentar a outros leitores esta experiência de escrever a escuta? O mapa do início já não seria suficiente, pois apenas ofereceria uma representação sem vida do espaço literário, sugerindo algo semelhante a um mapa que poderia indicar, a quem o lesse, rumos de uma caça a tesouros (e não se trata disso). À medida que a saída da página se aproxima, imagens se esboçam – talvez uma carta náutica. Sim, um mapa destinado não a orientar, mas a conduzir à errância no labirinto de inscrições e vozes que é cada documento ou obra. E, com tais palavras, saio, tendo o cuidado de não cerrar as portas (do arquivo e do texto).

### **Bibliografia**

AGAMBEN, Giorgio. Sobre a dificuldade de ler. Tradução de Cláudio Oliveira. *Revista Cult*. São Paulo: Bregantini, 2013. Disponível em: <<http://revistacult.uol.com.br/home/2013/09/sobre-a-dificuldade-de-ler/>>. Acesso em: 18 set. 2013.

- ALCIDES, Sérgio. A parábola inconformada. In: RUBIÃO, Murilo. *A casa do girassol vermelho*. Org. de Humberto Werneck. Posfácio de Sérgio Alcides. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 81-90.
- ALENCAR, João Nilson Pereira de. O corpo (mutilado) do arquivo. *Suplemento Literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, n. 1347, p. 30-35, mar./abr. 2013.
- ALENCAR, João Nilson Pereira de. *Arquivo – Máquina de (des)montar*. Belo Horizonte: UFMG, 2013. Trabalho de conclusão (Pós-Doutorado em Estudos Literários) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. (Inédito).
- BORDINI, Maria da Glória. Acervos de escritores e o descentramento da história da literatura. *O Eixo e a Roda*, v. 11, p.15-23, 2005.
- BRANDÃO, Luis Alberto. *Rituais do discurso crítico*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2005.
- CALVINO, Italo. *Se um viajante numa noite de inverno*. Tradução de Nilson Moulin. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CARNEIRO, Flávio. *Entre o cristal e a chama: ensaios sobre o leitor*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. A biblioteca como metáfora. In: SOUZA, Eneida Maria de.; MIRANDA, Wander Melo; CARVALHO, Abigail de Oliveira. *Presença de Henriqueta*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992. p. 94-100.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. A pesquisa em acervos e o remanejamento da crítica. *Manuscritica*, São Paulo: APML, v. 1, n. 4, p. 78-93, 1993.
- CURY, Maria Zilda Ferreira. Acervos: gênese de uma nova crítica. MIRANDA, Wander Melo (Org.). *A trama do arquivo*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; CEL/UFMG, 1995. p. 53-63.
- DERRIDA, Jacques. *Espectros de Marx: o Estado da dívida, o trabalho do luto e a nova Internacional*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001. (Conexões; 11)
- FLUSSER, Vilém. *A escrita – Há futuro para a escrita?* Tradução do alemão por Murilo Jardelino da Costa. São Paulo: Annablume, 2010.
- GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. 2. ed. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 143-179.
- GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. Tradução de Rosa Freire d'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. *Estudos Históricos, Arquivos Pessoais e Arquivos Institucionais*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 121-127, 1998.



GRÉSILLON, Almuth. Ler para escrever. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. *Escritos: Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa*, Rio de Janeiro, ano 5, n. 5, p. 7-22, 2011.

MANGUEL, Alberto; GUADALUPI, Gianni. *Dicionário de lugares imaginários*. Ilustrações de Graham Greenfield e Eric Beddows; mapas e plantas de James Cook; tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

MARQUES, Reinaldo. Acervos literários e imaginação histórica: o trânsito entre os saberes. *Ipotesi: Revista de Estudos de Literatura*, Juiz de Fora, v. 4, n. 2, p. 29-37, jul./dez. 2000.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Tradução de Antônio Carlos Santos. Chapecó, SC: Argos, 2003. (Vozes vizinhas. Os melhores ensaios; v. 3)

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. 2. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROCHA, João Cezar de Castro (Org.). *Roger Chartier – a força das representações: história e ficção*. Chapecó, SC; Argos, 2011. (Grandes Temas; 13)

RUBIÃO, Murilo. *Contos reunidos*. Posfácio de Vera Lúcia Andrade. São Paulo: Ática, 1998.

SOUZA, Eneida Maria de. Saberes narrativos. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 56-66, 1º sem. 2004.

SOUZA, Eneida Maria de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.

## **Material iconográfico consultado**

RUBIÃO, Aurélia. [Retrato do escritor Murilo Rubião]. 1937. Óleo sobre tela. 65 x 48 cm. Fonte: Acervo Murilo Rubião. Série Iconografia – *Subsérie Quadros*. *Acervo de Escritores Mineiros* – Centro de Estudos Literários e Culturais. Belo Horizonte, UFMG.

## **Fontes primárias consultadas**

RUBIÃO, Murilo. “O documento (parábola)” [s.d.]. Fonte: Acervo Murilo Rubião. *Série Produção intelectual do titular. Pasta “Anotações antigas para contos improváveis”*. Acervo de Escritores Mineiros – Centro de Estudos Literários e Culturais. Belo Horizonte, UFMG.

RUBIÃO, Murilo. “O mistério” [s.d.]. Fonte: Acervo Murilo Rubião. *Série Produção intelectual do titular. Pasta Anotações antigas para contos improváveis*. Acervo de Escritores Mineiros – Centro de Estudos Literários e Culturais. Belo Horizonte, UFMG.